

Surfistas como socorristas aquáticos

Matheus Novaes De Souza, Julia Fernanda Barbosa de Carvalho, Vincenzo Xavier Paes Leme, Marcelo Lacerda Bezerra, Guilherme Carlos Brech

Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento

Campus Mooca

guilherme.brech@usjt.br

RESUMO

Introdução: O surfe, originado há mais de 800 anos na Polinésia, difundido globalmente, alcançando 35 milhões de praticantes. Exige força, velocidade e coordenação, e pode implicar riscos como traumatismos e afogamentos. **Objetivo:** Traçar perfil de surfistas como socorristas na costa brasileira. **Metodologia:** Estudo transversal (CAEE: 77623324.3.0000.0089) amostra de conveniência (100 pessoas), convidados via mídias sociais. Inclusão: +18 anos, surfista funcional. Exclusão: respostas incompletas. **Resultados e Discussão:** Mais de 70% homens, $\pm$ 40 anos, + 20 anos/experiência, aproximadamente 50% se autoavaliaram em nível intermediário. Corroborando com esse estudo, pesquisa com 1.172 surfistas europeus resgatadores e 1.473 neozelandeses mostram predominância masculina (73-81,7%), idade média 34-38 anos com expressiva proporção acima de 40, experiência entre 10-18 anos e ~48-49% autoavaliaram nível intermediário. **Conclusão:** Surfistas experientes (>40 anos, >10 anos prática) apresentam alto potencial em salvamentos costeiros. Estudos futuros devem avaliar eficácia e riscos ocupacionais.

Palavras-Chave: Esportes Aquáticos. Salvamento Aquático. Ambiente Marinho.

INTRODUÇÃO

O surfe, é um dos esportes mais antigos que se tem conhecimento, teve origem há mais de 800 anos na Polinésia, integrando espiritualidade, hierarquia social e domínio das ondas entre povos navegadores. Inicialmente praticado por aristocratas havaianos em pranchas de madeira, o esporte foi suprimido no século XVIII pela colonização missionária, mas ressurgiu no início do século XX com a difusão global promovida por Duke Kahanamoku. A evolução técnica, marcada pelo desenvolvimento de pranchas mais leves e versáteis, ampliou sua acessibilidade, alcançando cerca de 35 milhões de praticantes em todo o mundo (Rice, 2021).

É uma prática que exige força, velocidade e coordenação (Axel *et al.*, 2018), mas implica riscos como traumatismos e afogamentos por inúmeros motivos (McArthur *et al.*, 2020). Em 2023, o Brasil registrou 5.883 afogamentos, cerca de 16 por dia, 6 vezes mais homens que mulheres, com maioria de crianças acima de 10 anos de idade e adultos, em praias sem guarda-vidas o risco é muito maior (Sobrasa, 2025).

Neste sentido, os surfistas se equiparam com salva-vidas em resgates, com sucesso proporcional a sua experiência. A Organização Mundial da Saúde (WHO, 2017) e programas australianos/neozelandeses, elevam percepção de perigos (64,3%) por conta dos treinamentos (Koon, Peden e Brander, 2023). A Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático (Sobrasa, 2025) realizou vários eventos sobre o tema, mas 44 desses, foram direcionados para surfistas, com interesse de capacitá-los, porém no Brasil, faltam estudos comparando algumas variáveis.

Objetivo desse estudo é traçar um perfil dos surfistas que atuam como socorristas nas praias brasileiras.

METODOLOGIA

Estudo transversal desenvolvido na Universidade São Judas Tadeu, (CAEE: 77623324.3.0000.0089, parecer: 6.714.107).

Amostra de conveniência convidada por meio de mídias sociais e grupos de WhatsApp, com carta convite.

100 pessoas participaram do estudo. Como critérios de inclusão, ser maior de 18 anos, ambos os sexos, ser surfista capaz de passar a arrebentação e remar/entrar na onda com sua prancha, para os critérios de exclusão, candidatos que se recusaram a responder alguma das perguntas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maioria dos participantes do estudo eram homens e tinham mais de 40 anos de idade em média (+ 70% ambos). Os surfistas participantes do estudo tinham mais de 20 anos de experiência em média, e cerca de metade dos surfistas se autoavaliaram em nível intermediário de prática (Tabela 1).

Tabela 1. Caracterização e nível dos participantes

Variável	Média	DP
Idade	40,4	9,64
Tempo de Experiência no Surfe	20,12	12,99
Sexo		
	N	%
Masculino	122	71,30%
Feminino	49	28,70%
Profissional do Surfe ou relacionado		
Sim	33	19,30%
Não	138	80,70%
Nível de Surfe		
Iniciante	17	9,90%
Intermediário	90	52,60%
Avançado	60	35,10%
Profissional	4	2,30%

Legenda: DP: Desvio Padrão, N: Número amostral.

Corroborando como os achados desse estudo, Berg et al. (2021), investigou 1.172 surfistas europeus atuando como resgatadores (bystander), em sua maioria homens (73%), 38 anos como média de idade, mas com expressiva proporção maior de 40 anos, experiência média de 18,5 anos de prática e também se julgaram de nível intermediário (48%). Da pra observar similaridade, especialmente na habilidade técnica e longa exposição ao mar, o que sugere, que surfistas experientes são mais

propícios a salvamentos em contextos costeiros globais, suportado pelo trabalho de Furness et al. (2021), em estudo com 1.473 surfistas da Nova Zelândia, observaram que 81,7% eram homens com a maioria classificados como intermediários na prática do surfe (49,3%), houve pequena divergência na média da idade, com 34,6 anos, mas com IQR entre 26–42, indicando grupo com mais de 40 anos numericamente expressivo, e com 60,7% dos surfistas com mais de 10 anos de experiência de prática.

CONCLUSÃO

Em conclusão, os achados sugerem que surfistas socorrista que participaram do estudo eram predominantemente do sexo masculino, com idade acima dos 40 anos, e com 10 anos ou mais de prática de surfe. Estudos futuros devem avaliar se esse perfil se associa a maior eficácia em resgates ou a riscos ocupacionais específicos.

REFERENCIAS

AXEL, T. A. *et al.* Field Test Performance of Junior Competitive Surf Athletes following a Core Strength Training Program. **International Journal of Exercise Science**, v. 11, n. 6, p. 696–707, 2018.

KOON, W.; PEDEN, A. E.; BRANDER, R. W. Impact of a surfer rescue training program in Australia and New Zealand: a mixed methods evaluation. **BMC Public Health**, v. 23, n. 1, p. 2193, 8 nov. 2023.

MCARTHUR, K. *et al.* Epidemiology of Acute Injuries in Surfing: Type, Location, Mechanism, Severity, and Incidence: A Systematic Review. **Sports**, v. 8, n. 2, p. 25, 20 fev. 2020.

RICE, E. L. Surfing. *The Journal of Sports Medicine and Physical Fitness*, v. 61, n. 8, jul. 2021.

SOBRASA. Afogamentos: o que está acontecendo?

WHO. Global report on drowning: preventing a leading killer.

Fomento

Ao Instituto Anima – IA. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. O trabalho teve a concessão de Bolsa de Iniciação Científica pelo Programa PROCIÊNCIA Ânima.